

# AS TRAVESSIAS DA PERTENÇA AFETIVA NA POÉTICA DE ANA MAFALDA LEITE

THE CROSSINGS OF AFFECTIVE BELONGING  
IN THE POETICS OF ANA MAFALDA LEITE

## **Amanda Gomes dos Santos**

Doutoranda do Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa/Brasil).  
Membro do GeÁfricas (João Pessoa/Brasil).  
E-mail: amanda\_gomees@hotmail.com

## **Vanessa Riambau Pinheiro**

Professora Associada II da Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa/Brasil).  
Coordenadora do grupo de pesquisa GeÁfricas (João Pessoa/Brasil)  
E-mail: vanessariambau@gmail.com

Recebido em: 2 de maio de 2024  
Aprovado em: 16 de julho de 2024  
Sistema de Avaliação: Double Blind Review  
RPR | a. 21 | n. 2 | p. 161-176 | jul./dez. 2024  
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.3827>

**RESUMO**

O presente artigo propõe apresentar a poética de Ana Mafalda Leite, evidenciada nas seguintes obras: *Outras fronteiras: fragmentos de narrativa* (2017) e *O amor, essa forma de desconhecimento* (2010). A proposta é pertinente ao considerar as discussões acerca de trânsitos imagéticos e poesia, buscando envolver os elementos constituintes dos versos da poeta e uma leitura atrelada à perspectiva de pertença afetiva. A relação da pertença afetiva com Moçambique, assim como a presença do Oceano Índico como elemento literário nas produções moçambicanas, reitera esse elo, promovendo um lugar de importância e paradoxos do lirismo nessa produção. Além disso, são analisadas as representações do amor nas duas obras e as vozes que o sujeito lírico apresenta a partir dos movimentos que interpelam essas construções. Ao considerar também a noção das travessias e as ambivalências que constituem a produção literária, são selecionadas as discussões e críticas de pesquisadores como Bhabha (2003), Noa (2017), Cunha (2010), Secco (2015), Falconi (2013) e Maquêa (2020).

**Palavras-chave:** Poesia. Ana Mafalda Leite. Pertença Afetiva. Ambivalências

**ABSTRACT**

This article proposes to present the poetics of Ana Mafalda Leite, evidenced in the following works: *Outras fronteiras: fragmentos de narrativa* (2017) and *O amor, essa forma de desconhecimento* (2010). The proposal is pertinent when considering discussions about imagistic transits and poetry, seeking to involve the constituent elements of the poet's verses and a reading linked to the perspective of affective belonging. The relationship of affective belonging with Mozambique, as well as the presence of the Indian Ocean as a literary element in Mozambican productions, reinforces this link, promoting a place of importance and paradoxes of lyricism in this production. Additionally, the representations of love in both works and the voices that the lyrical subject presents from the movements that challenge these constructions are analyzed. In considering the notion of crossings and the ambiguities that constitute literary production, discussions and critiques by researchers such as Bhabha (2003), Noa (2017), Cunha (2010), Secco (2015), Falconi (2013), and Maquêa (2020) are selected.

**Keywords:** Poetry. Ana Mafalda Leite. Sentimental Belonging. Ambivalence.

Refletir acerca da produção literária, a partir das experiências diaspóricas e da ideia dos deslocamentos e da pertença afetiva, é também pensar em como as relações dominadoras estabelecidas pelos processos de colonização, que silenciaram os territórios e seus povos, contribuíram para um movimento hercúleo de alteridade. Ao lançar o olhar para o território poético de Moçambique, ao se deparar com os escritos literários que dialogam com a ideia de um sujeito lírico em trânsito e que é conduzido e verbalizado de forma fronteiriça por meio de vozes femininas. Dentre essas vozes que tematizam nessa perspectiva, as de Rui Knopfli e Eduardo White, considerados poetas fronteiriços, que provocam a partir da ideia da transgressão de fronteiras do universo colonial. Assim, consideramos que as teorias e críticas que perpassam a escrita poética como forma de deslocamento que parte de África, em específico acerca das nuances moçambicanas, são muito relevantes e partem da necessidade de possibilidades de estudos por uma perspectiva dialógica.

É relevante observar, desse modo, os aspectos que envolvem a poesia da luso-moçambicana Ana Mafalda Leite, perpassando as questões da produção poética que evidenciam os fluxos e deslocamentos como possibilidades de transitar através das fronteiras substanciais. À guisa de destaque, elencamos a temática das narrativas poéticas como meio de significar e ressignificar os espaços territoriais que são (des)construídos pelas memórias afetivas, concomitante ao tratar da ideia do entre-lugar do sujeito diaspórico e suas identidades que se desdobram nessa relação de pertença afetiva.

O recorte literário aqui evidenciado se dá a partir de **O amor essa forma de desconhecimento** (2010) e **Outras fronteiras: fragmentos de narrativas** (2017). A edição da primeira obra é da editora Alcance, situada em Moçambique, não havendo publicação no Brasil; enquanto a segunda foi editada e lançada pela editora Kapulana, trazendo de forma inédita a poética de Ana Mafalda Leite ao Brasil. Sendo a matriz da poesia de Leite alicerçada pelas experiências identitárias entre Moçambique e Portugal, esses livros nos - apresentam diversos elementos valorativos relacionados aos aspectos da língua como um meio de ultrapassar fronteiras. Assim é possível destacar que as seções de ambos são responsáveis por uma viagem poética que reflete a tradição e a modernidade intercambiadas. Em **O amor essa forma de desconhecimento**, temos as seções intituladas *Estrangeira condição* e *Um país desconhecido*; como, também, em **Outras fronteiras: fragmentos de narrativas** as divisões são nomeadas em *Poemas de Moatize* e *O índico em Marrakesh*. São duas produções literárias que dialogam por meio das experiências diaspóricas e das múltiplas identidades apresentadas nessas prosas poéticas; é uma experiência que nos coloca frente a frente ao que temos como deslocamentos de elementos culturais do pós-colonialismo e que, colocado em pauta por um viés poético, revela-nos que existem aspectos outros a serem percebidos.

A produção literária de poesia em Moçambique é delineada por grandes poetas. Neste espaço constituído por várias vozes e olhares que perpassam uma Moçambique de plurivocalidades<sup>1</sup> vêm à tona os entre-lugares dos eu líricos por meio de representações dos espaços geográficos que são interpelados não como limites, e sim como aquém do que determina uma lógica territorial. Desta forma, através da escrita poética de Ana Mafalda Leite, esses espaços preenchidos de ausências e inteiros propagados por meio das temáticas da(s) identidade(s), dos elementos culturais e históricos, como também do elo com os espaços de uma Moçambique encantada apresentada ao leitor são fluxos de encontros entre fronteiras e dos sujeitos em trânsito.

As questões pautadas na simbiose entre dois territórios têm se tornado cada vez mais vigentes nas discussões que permeiam nossa sociedade atual. Isto tem acontecido, pois, como sabemos, fazem-se cada vez mais presentes as discussões acerca da alteridade a partir dos estudos do pós-colonial, e, portanto, torna-se necessário compreender como as manifestações literárias contemporâneas abarcam tal movimentação. As sinestésias produzidas através da literatura fomentam o campo semântico e as construções sociais e históricas, de forma a nos apresentar um entre-lugar geográfico, personificado pelo lirismo das obras que são situadas através dos movimentos e estilos literários.

Além do espaço geográfico que permeia a obra poética de Ana Mafalda Leite, temos, ainda, a língua portuguesa como *locus* constitutivo de seu lirismo, que abarca os dois continentes (Europa e África). Podemos inferir que a escritora elege a língua como sua casa, provocando através da literatura o leitor para conhecer esses cômodos permeados por multifacetadas vozes e identidades. Assim, nos escritos **O amor essa forma de desconhecimento** (2010) e **Outras fronteiras: fragmentos de narrativas** (2017), a produção literária de Leite se transforma no poente sinestésico, quando por meio do eu lírico são personificados os reflexos das identidades (des)fragmentadas do entre-lugar e das fronteiras substanciais e metafóricas.

Ao apresentar, portanto, elementos que corroboram com a ideia de que não há uma fronteira que o defina, o eu lírico transita entre esses espaços, o movimento de aproximação e distanciamento mais uma vez é latente na narrativa poética de Ana Mafalda. O eu lírico se “extraterritorializa”, buscando ser fronteiro não a fim de demarcar diferenças, e sim de estabelecer conexões. Através do jogo das palavras, com o intuito de ocupar os lugares que escolheu para sua pertença, que é possível compreender que a sua escolha se faz pela poesia.

<sup>1</sup> Termo utilizado por Bonnici (2000) acerca das produções literárias pós-coloniais.

É nesse panorama que Ana Mafalda Leite propicia essas imagens ao leitor, de uma Moatize e os elementos do Índico e do mar que se pode pensar invisível, mas que, distante disso, explode de forma sinestésica àquele que se permite entrar na grande dança. Através dessa prosa poética é possível relacionar uma pertença afetiva com Moçambique que culmina na busca dos elementos da tradição apresentados de modo a estabelecer diálogo com aspecto da modernidade através do lirismo de seus escritos.

Nessa ordem, a perspectiva da hibridização de elementos culturais, que são culturalmente visibilizadas é discutida por Bhabha (2003), pois há a perspectiva de um projeto pós-colonial como busca de uma resignificação dos espaços e dos símbolos culturais. De forma que as diferentes vozes que são construídas, ideológica e historicamente, perpassam os contextos de discursos dos colonizados como, também, dos colonizadores, uma vez que é a partir dessas condicionantes que a produção literária e sua recepção enunciam um espaço de contradições do sujeito, que Bhabha (2003) nomeia como *terceiro espaço*, solidificando a perspectiva de uma hibridização na qual constrói uma identidade com fissuras, de tal forma que se faz atravessada por relações duais: a ideia do interno e externo bem como do psíquico e do político.

A partir dessas ambivalências entre os elementos culturais, é possível estabelecer a relação entre a ideia do entre-lugar denotada como movimento, logo sendo lido como uma estratégia que evidencia os fluxos, sem a obrigatoriedade de uma fixidez, dentro de espaços e situações que permitem uma variedade de temáticas e manifestações literárias. Como Souza (2004) explana, a transgressão da ideia do entre-lugar no ato da escrita literária faz com que aquele que produz tenha, “então, duas direções, a primeira [é] expor as variantes formais de uma *fonte* ocidental[;] a segunda[,] traduzi-las em uma interpretação que lhe subverte o teor de verdade imóvel ou de sacralização original.” Logo, o espaço do entre-lugar ocupa um transgredir de fronteiras do mundo colonial através do texto, principalmente, ao considerar a produção literária moçambicana de autoria feminina, especificamente na poética de Ana Mafalda Leite, posto que esse deslocamento lírico parte de África através do sujeito lírico em trânsito que perpassa a poesia da escritora.

Através da produção literária, as identidades podem ser estabelecidas como espaços poéticos, especialmente na África lusófona. É por meio do movimento de afastamento e da busca pelo autoconhecimento que esses sujeitos poéticos são percebidos como múltiplos. Nesse espaço fronteiriço, onde o “eu” e o “outro” se misturam, emerge a ideia de fronteiras substanciais. Considerando que Moçambique e Portugal estão vinculados à margem, a memória e as experiências diaspóricas tornam-

se fundamentais na construção poética presente na literatura moçambicana, situando-a como uma condição contemporânea e reflexo das vivências pós-coloniais, conforme destacado por Mata (2008).

ressalta que apenas por vias literárias determinados anseios e pensamentos poderiam ser evidenciados, se tomarmos como exemplo os países africanos de colonização portuguesa. De acordo com a estudiosa, “o autor psicografa os anseios e demônios de sua época, dando voz àqueles que se colocam, ou são colocados, à margem da ‘voz oficial’: daí poder pensar-se que o indizível de uma época só encontra lugar na literatura” (MATA, 2008, p. 20).

As possibilidades de navegar por entre a subjetividade dos sujeitos líricos nas produções poéticas, abre espaços por meio de fronteiras metapoéticas da existência a partir da condição do experimento pelo ato de transitar na busca de si e do conhecimento, visto que o Índico é metaforizado como uma cartografia de deslocamentos entre Moçambique e Portugal, que explora o exercício da pertença afetiva. Existe, desse modo, uma intensificação das imagens poéticas de como se constrói o eu lírico, posto que há um direcionamento intimista e dos afetos quando se tem o Índico como “metáfora de rede de relações e afetos, espaço de descentradas viagens, de contraviagens, institui-se, “à contrapelo”; como líquida e híbrida tapeçaria.” (Secco, 2018, p.151).

Por essa perspectiva, as produções poéticas de Ana Mafalda Leite são contextualizadas no que podemos definir como “poética da oceanidade”, como evidencia-se no poema *No ponto mais a sul do Mediterrâneo*, que constitui a primeira parte do livro **O amor essa forma de desconhecimento** (2010); como também na última parte da obra **Outras fronteiras: fragmentos de narrativas** (2017), que é nomeada *O Índico em Marrakesh*.

Ao tratar sobre o amor diante da poética de Ana Mafalda Leite, a princípio, a delimitação de corpus será voltada para a obra **O amor essa forma de desconhecimento**, lançada em 2010, pela editora Alcance em Maputo. Nesse livro, há uma construção que se diferencia dos escritos literários de Ana Mafalda, o amor é o sul do lirismo que se encontra nas quase 50 páginas, organizado, como já foi mencionado, em quatro secções: *O amor é uma forma de desconhecimento*; *Coração adiado*; *Estrangeira condição* e *Um país desconhecido*; é possível observar as subjetividades performadas pelas ambivalências dos sujeitos poéticos, como bem pontua Falconi:

**O amor essa forma de desconhecimento** (2010), livro que traça um caminho desviante e paralelo no trabalho de reflexão poética de Ana Mafalda Leite sobre o amor: o amor enquanto experiência radical tanto da identidade quanto da alteridade. Confirma-se uma profunda vocação geográfica do olhar e do fazer poético da autora, que de facto torna o sentimento e a relação amorosa um verdadeiro “território” (FALCONI, 2023, p.16)

Diante desse descaminho que apresenta e confronta as identidades e como a alteridade, personifica-se através dos versos, Leite proporciona ao leitor uma experiência de sentir as palavras como uma forma de se territorializar, mesmo que ao largo desse movimento surjam mais sentimentos que fujam ao previsível. É necessária uma leitura minuciosa e reflexiva desde o título, a poeta afirma que o amor é desconhecido, mas de quem ou de quê? A partir de quais referências? Tatear o desconhecido é necessário, ao deparar-se com o texto poético de Ana Mafalda é saber que as palavras se movimentam como ondas, há vezes que se não prestar atenção, leva-se um tombo, em outras você não sente a água batendo em si – de tão leve que ela chega, junto com a brisa.

A partir desse exercício de ler/sentir o amor, nessa obra é preciso que as subjetividades sejam impulsionadas ao confronto, pois as experiências dos sujeitos poéticos se desdobram em trânsitos, como se autodefine Leite, a *itinerância*, é uma mola propulsora em sua escrita, de forma que há territórios geográficos e metafóricos que não são enunciados, e a movimentação do amor – dentro da obra – evoca a construção de um espaço basilar para que o ato de sentir seja de forma uma com a voz poética, já que o movimento é inerente, e esse desconhecimento causa incômodos, inclusive vertigens sobre *essa forma*. E nesse ponto é necessária uma travessia por outras áreas, como pontua Vera Maquêa:

Às vezes, ler poesia pode se configurar como uma tarefa hermenêutica pesada e exigente, que demanda disciplina e dedicação, entrega e coragem e... um bom repertório cultural que não se finda nos estudos da poesia, mas que busca outros gêneros literários e também a filosofia, a história, a filologia, enfim, tantas outras áreas do conhecimento que tornam a empreitada ainda mais árdua. (MAQUÊA, 2020, p. 110)

Com efeito essa travessia de conhecimentos e exigências torna o caminho também desconhecido, todavia a construção da subjetividade na relação com um livro de poesia, sim, pois se estabelece uma díade com o sujeito poético e as palavras que navegam diante de si. A construção visual de **O amor essa forma de desconhecimento** vincula-se ao modo que o amor é tematizado, assim “O amor é uma forma de conhecimento”, primeira secção da obra é constituída de apenas um poema, que personifica 4 páginas e suscita diversas possibilidades de olhares; enquanto a segunda secção nomeada de “Coração adiado”, é construída com três poemas: *No ponto mais a sul do Mediterrâneo*, *Coração adiado* e *O amor é uma rosa que arde vendo-se; já em Estrangeira condição*”, a terceira secção da obra Leite apresenta um experimento em que há um conjunto de 27 poemas, todos enumerados e que ora se vinculam sob uma perspectiva do amor, ora se repelem acerca do estranhamento, e a última, “Um país desconhecido”.

Em meio à construção das partes dessa obra apresenta um aspecto que é característico da poética de Ana Mafalda: a relação sinestésica nos poemas, a potência de um forte tom imagético que se movimentam

e são mutáveis junto à voz poética. É possível estabelecer a compreensão de que os poemas são interpostos, a partir de uma perspectiva dialógica, apesar de serem apresentadas camadas diferentes do amor, elas se vinculam e apresentam ambivalências que provocam uma liberdade que foge à formalidade da poesia, projetando a subjetividade por meio do desconhecimento, que também é metaforizado pela escuridão de não saber como ou o que se está diante de si, portanto:

Se o território é o da poesia, esse vasto e (in)cognoscível campo aberto de sentidos, a transgressão de fronteiras da condição humana é o que poderia configurar o desconhecimento. Desconhecer registra o sujeito, a pessoa; não o objeto, a coisa. O que há de obscuro – e que a poesia se empenha em deslindar –, é esse tempo, o tempo presente. Mas ocorre que a poesia, no caso de Ana Mafalda Leite, termina sendo ela mesma matéria de obscuridade, não as flores previsíveis da retórica, como referiu Silviano Santiago, no prefácio (2010, p. 3). (MAQUÊA, 2020, p. 111)

Por conseguinte, esse território que Maquêa descreve como *matéria de obscuridade* é atravessado pelo aspecto das travessias culturais de Leite e que se transmutam e metaforizam por meio de sua poética, a sensação de desconhecimento e o amor são balizados e se apresentam como um espaço de ambivalências, no qual a alteridade é evidenciada e o sujeito poético em sua potência evoca transgressões que culminam em uma condição flutuante do que se conceitua sobre o amor.

Em decorrência dessa condição flutuante da perspectiva do amor é possível observar no poema *o amor é uma forma de desconhecimento* essas ambivalências que colocam a voz poética nesse interim de ir e vir, a começar pela construção visual e estética do poema, como se apresenta:

dentro de ti há um vaso púrpura	que
levita fumos	
vejo-lhe o fundo	mariposas e
arabescos	incensam seu cabelo
	caminhas devagar quase esquecida
	de ser
	ouves
toda a tua atenção é ouvido	som



que nasce longe

encantamento

memória

nas tuas mãos se lembra

por isso escreves

não é dom

é dádiva que recibes

agora que me ouves

ao ouvir

o mundo

um livro se abre

página a página o vento escreve e dita (LEITE, 2010, p. 19)

A voz poética encontra no amor uma espécie de objeto que vai se alocando ao decorrer de cada verso, a disposição visual da primeira parte do poema, vislumbra as pausas desse “caminhar devagar” e como se personificasse o bater de asas das mariposas, que nesse processo guia o encantamento que se dá através dos sentidos, nesse caso do tato e se possibilita na escrita, um deslumbramento que o amor concede por meio da palavra, e que é sinestésico, pois se acresce do ouvir, e na premissa de descobrir “o mundo” pelas palavras que se redige e pela oralidade, logo “um livro se abre”. Diante dessa metáfora do amor como a possibilidade de um livro, objeto que guarda o que é desconhecido, que proporciona um repertório para dar forma ao desconhecimento, e que é feito “página a página”; as quais mais uma vez se apresenta por um tom imagético, pois o vento quem é responsável de apresentar à voz poética esse mundo. E a partir desse espaço imagético há uma invenção do amor como objeto e sentimento, já que:

o amor inventa uma forma diferente de durar ao longo da vida. Que a existência de cada um, pela experiência do amor, confronta-se com uma nova temporalidade. O amor

também é, sem dúvida, como diz o poeta, “o duro desejo de durar”. Mais do que isso, porém, é o desejo de uma duração desconhecida. Porque, como é sabido, o amor é uma reinvenção da vida. Reinventar o amor significa reinventar essa reinvenção. (BADIOU, 2013, p. 26)

Há nessa sujeito poético, por consequência, um desejo de investir no amor como meio de vivenciar seu poder, a partir do sentido de atribuir uma nova forma de existir e sentir, seja de forma denotativa, como também no âmbito de o amor ser uma mola propulsora de experienciar olhares que atribuem ineditismo na relação com a vida; como nos versos “ouves o pensamento/que corre no deserto a longas distâncias/viestes para dar essa luz/ a quem te ouça/para encontrares o lugar/da aliança (Leite, 2010, p. 20).

Diante dessa dimensão que o amor reivindica e a construção da linguagem como um trânsito que não se restringe à imobilidade, e, sim, faz-se latente pois:

Esses signos – “amor”, “coração” –, podem trazer sentidos tão cambiantes quanto o seria a necessidade de preencher com uma palavra uma realidade ainda inominada que precisa se construir de alguma forma, mas cujo verbo resiste. No entanto, mostram-se chaves de leitura que não dispensam a imaginação amorosa. Tudo fica mais complicado quando, numa frase oscilante, o amor é definido como uma forma. Não um conteúdo, mas uma forma. O pressuposto de que o amor seja uma forma desloca totalmente sua condição de tema nesse livro. A linguagem perde sua relação com o real do mundo e declina suas dimensões significativas para ocupar um lugar sagrado, maleável, plástico e móvel, cujos degraus não são assinalados e onde se pede um passaporte para adentrar. (MAQUÊA, 2020, p.112)

Ao aproximar o amor desse lugar que é visto como cambiante já que seria necessário preencher seu sentido, uma vez que a voz poética pede que se espere já que o poema se personifica como uma oração, como uma prece, como um desejo que se vai ser concedido, então, a partir de uma ideia em que ainda não se pode compreender, já que uma oração está exposta no campo dos sentidos, da difusão da palavra e de como se evoca; uma realidade que ainda não foi nomeada, porque ainda não se vivenciou, e para o sujeito poético ganhará forma por meio do “beijo amor”; assim:

e o beijo amor que amor?

dizes o que é o amor perguntas

[...]

em vão o procurei

o fruto a semente o sabor esta  
maçã esta manga esta papaia tão  
doce

ilusão

amor não está aquém  
não está além

sobra está de  
fora em exílio

é estrangeiro  
e estranho fora de ti o amor  
caminha cego é um  
perdido não sabes caminhos  
nem mapas

o amor é uma forma de desconhecimento (LEITE, 2010, p. 22)

A construção que a voz poética delinea sobre o amor, agora como espaço territorial, quando diz que “não está aquém, não está além”, demonstra a mutabilidade que por ser desconhecido, não se torna tangível, e assim não há um território que habite, logo é posto em uma condição de estrangeiro, assim observar a etimologia de estrangeiro partindo da premissa do que não pertence ou não se sente pertencente a algo. Dentro do poema, isso se desdobra-se no estranhamento da voz poética ao reconhecer que “o amor caminha cego”, e esse caminho se faz de escuridão porque está “fora de ti”, logo não existe um território a pertencer. Percebe-se uma característica marcante da poética de Ana Mafalda: os trânsitos, o estar em movimento a partir de mapas e caminhos, e essa sensação de estar perdido do amor, é o entre-lugar, que se contempla no último verso, e que dá nome ao poema e evoca uma rasura existencial que toma corpo, e de sentimento é posto a algo tangível através dessa “forma” que desconhece a si.

Diante desse panorama da representação do amor, é o aspecto polissêmico que ganha corpo na poética de Ana Mafalda Leite por meio de jogo de oposições. É perceptível essa presença significativa também na obra **Outras fronteiras** – fragmentos de narrativas, ainda na primeira secção, ao fazer uma leitura do poema *um feitiço dentro desta escrita* a dinâmica do amor é anunciada com a escrita, o vínculo com a poesia que que confere à voz..à voz poética um espaço para transitar, o amor advém do encadeamento

com o *feitiço*, vem de uma intertextualidade com personagens da literatura britânica e estadunidense; e, nesse poema, a palavra se metamorfoseia pelos sentidos, a construção imagética se exterioriza do primeiro ao último verso.

Houve um tempo em que tive amor à poesia  
olhava-te

abrindo as páginas os livros  
protestando contra a insuficiência do mundo

choravas ou rias? (Leite,2017, p.13)

É possível construir uma relação que a voz poética fixa esse olhar em um sujeito que é apresentado com a permeabilidade da arte, percebe-se a disposição do poema e, especialmente, do verso “olhava-te” no centro como se fosse um ponto a mirar, para que assim fosse possível descobrir se há choro ou riso. E a voz poética continua a demonstrar quem um dia a poesia foi para que despertasse tal amor, sendo que:

Houve um tempo que da poesia nasciam brasas  
borboletas, coisas mágicas de circo  
em rodopio  
do chapéu as pombas as casas as pessoas que não vi nunca  
mais

(Leite,2017,p.13)

Ao lançar o olhar para esse excerto do poema, é notória a presença do teor imagético que é uma característica latente na literatura de Ana Mafalda, o jogo sinestésico de observar as borboletas tomar forma pela disposição das palavras, assim como os marcadores de tempo através dos verbos e dos advérbios; a voz poética constrói um caminho que se atrela à memória, e, tal qual o fluxo de pensamentos, o último verso não obedece ao que se espera da pontuação, não há pausas, as imagens surgem tal qual uma torrente, apresentando ao leitor a ideia da efemeridade.

Há uma intertextualidade explícita com grandes personagens das literaturas consideradas canônicas no Ocidente e a provocação acerca da eternidade que seria parte do feitiço, pois a voz do sujeito lírico questiona:

*Como é possível escapar à eternidade?*

dizes: porque motivo não somos todos benjamin button ou dorian gray entrando dentro de um espelho de intocada mortalidade

*Será que o mundo começa sempre de novo?*

(Leite, 2017, p.13)

Estabelece-se um diálogo entre o desejo de vida e de morte, a relação do gozo que essas duas personagens que são evidenciadas vivenciaram, ambas foram confrontadas pelas experiências com a *eternidade*; e cada qual conseguiu escapar dela; logo, a voz poética se coloca-se como aquela que reflete, há dentro do poema uma interação entre o sujeito poético e uma figura feminina, e essa o questiona-o sobre a possibilidade de o mundo começar mais uma vez, logo esse encantamento se aproxima do feitiço e das questões que norteiam o saber desse ciclo de amor à poesia e à vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos apresentar essa seleção de poemas de Ana Mafalda Leite que se encontram em duas obras, ***O amor essa forma de desconhecimento e Outras fronteiras*** – fragmentos de narrativas, a fim de construir perspectivas de como o amor é delineado e se metaforiza nas vozes dos sujeitos poéticos que são revelados nessa relação de pertença afetiva através dos movimentos do sentir e vivenciar. A poesia é o trânsito que, assim como o amor é volátil, se configura a partir de multiplicidades, por vezes, fragmentado, muito embora atravessado pelas águas e pelo fogo de uma tapeçaria cultural de uma escritora que se encontra itinerante com seu lirismo. Assim sendo a literatura produzida por Ana Mafalda Leite é interposta por essa condição estrangeira e relacionada diretamente à pertença afetiva com Moçambique, não apenas por um viés afetivo, mas como forma de territorializar vivências e um horizonte marcado pela História que está inserida em todos os âmbitos da vida da poeta, pois ela já demarca que “sou dessa ambivalência ao nascer-me nela, a criação de um lugar de travessia e de tapeçaria cultural” (LEITE, 2023, p. 4), logo é a partir dessas perspectivas que optamos por analisar e compreender a escrita poética e as reverberações de suas antologias.

É possível dimensionar que a escrita literária de Ana Mafalda se faz consoante à linguagem e as temáticas que percorrem o amor como um objeto em seus textos se desdobram em movimentos, onde há um fluxo com a ilha de Moçambique que relaciona as multiplicidades de olhares. De forma que ao analisar seus poemas é pertinente a observação da construção de uma “metáfora de um território, difuso e caleidoscópico” e por assim ser vista se propõe a trazer à tona suas memórias. O processo de criação é totalmente atravessado por esse âmbito memorialístico e imagético, que junto à estética e o arcabouço de repertórios apresentam a literatura produzida pela poeta.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JR., Benjamin. Fronteiras múltiplas e hibridismo cultural: novas perspectivas ibero-africanas. In: \_\_\_\_\_. **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos**. Cotia: Ateliê, 2003, p. 77-102.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos Editora, 2009.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 193-251.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana L. de L. Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos**. Organização Eduardo F. Coutinho. Introdução Rita T. Schmidt. Tradução Teresa D. Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 80-95.

BENTINI, Ana Paola. **Festival de NYAU em Chiuta - Tete - Mz. 2010**. Disponível em: <<http://uaiafrica.blogspot.com/2010/04/festival-de-nyau-em-chiuta-tete-mz.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

BOSE, Sugata. **A Hundred Horizons: The Indian Ocean in an Age of Global Empire**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2006.

BONNICI, Thomas. Alterity in Pero Vaz de Caminha's Letter *on the discovery of Brazil*. **Acta Scientiarum, Maringá, v.22 n.1, p 51-58, 2000**

BRUGIONI, Elena. "Para uma Estética do Oceano Índico. Geografias transnacionais do imaginário em narrativas escritas e visuais africanas". Título do Projecto de Pesquisa actualmente em desenvolvimento, integrado no Projecto de Pós-doutoramento 45

\_\_\_\_\_. "Narrando o índico. Contrapontos entre paradigmas críticos e representações: João Paulo Borges Coelho e M.G. Vassanji". In **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, Vol. 2, n.1, p. 35-53, 2014.

\_\_\_\_\_. & Joana PASSOS (Org.). Dossiê "Narrando o Índico". In **Diacrítica – Literatura**, 27 (3), Vila Nova de Famalicão-Braga: Húmus Edições-CEHUM, 2013.

CAN, Nazir Ahmed. **Discurso e Poder nos romances de João Paulo Borges Coelho**. Maputo: Alcance, 2015

CHAVES, Rita. "A Ilha de Moçambique: Entre as Palavras e o Silêncio". Colóquio "A Ilha de Moçambique: entrecruzar de culturas, sonhos e memórias", 2002. Disponível em: [http://www.macua.org/coloquio/A\\_ILHA\\_DE\\_MOCAMBIQUE.htm](http://www.macua.org/coloquio/A_ILHA_DE_MOCAMBIQUE.htm). Acesso em: 20/02/2024

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Coord. Carlos Sussekind; Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

COLLOT, Michel. Do horizonte da paisagem ao horizonte dos poetas. In: ALVEZ, Ida Ferreira & FEITOSA, Marcia Manir Miguel (Orgs). **Literatura e Paisagem**: perspectivas e diálogos. Rio de Janeiro: EdUFF, 2010.

CUNHA, Teresa. **Para além de um Índico de desesperos e revoltas**. Tese de Doutorado em Sociologia. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2010.

DUARTE, Constância Lima; SCARPELLI, Marli Fantini. (Org.). **Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África**. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2002, v. 3.

DUARTE, Zuleide. A tradição oral na África. **Estudos de Sociologia**: revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife, v. 15, n. 2, p. 181-189, 46

FALCONI, Jessica 'Para fazer um mar'. Literatura Moçambicana e Oceano Índico". In: Dossier "Narrando o Índico". *Revista Diacrítica – Literatura*, 27-3. Braga: Húmus Edições-CEHUM, 2013, p.77-92.

FONSECA, Maria Nazareth (2004) "Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas". (*Literatura*) *scripta*, *Revista de Programa de Pos-Graduacao em Letras e do Centro de Estudos luso-afro-brasileiros da PUC Minas* (Universidade PUC Minas). Vol. 8, No 15: 283-295.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995..

LEITE, Ana Mafalda. *A minha herança moçambicana*. 1997. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/lcp2.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

LEITE, Ana Mafalda. *Outras fronteiras*: fragmentos de narrativas, São Paulo: Kapulana, 2017.

----- . *O amor essa forma de desconhecimento*. Maputo, Alcance, 2010.

MAQUÊA, Vera. *NOTAS DO CONTEMPORÂNEO NA POESIA DE ANA MAFALDA LEITE* Caletrosκόpio - ISSN 2318-4574 - Volume 8 / N. 1 / jan.- jun. 2020 p.106-123

MARTINHO, Ana Maria (1999) *A mulher escritora em África e na América Latina*. Evora, NUM.

\_\_\_\_\_. (2000) "Escritoras africanas: permanência, descontinuidades, exílios". *Faces de Eva* (Universidade Nova de Lisboa) No 3: 121-134.

MATA, Inocencia (1994) "As vozes femininas na literatura africana: passado e presente; representações da mulher na produção literária de mulheres". Em: *Anais do Congresso o rosto feminino da expansão portuguesa*, Lisboa: 251-258.

\_\_\_\_\_. (2001) *Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta*, Lisboa, Mar Além.

MENDONÇA, Fátima; SAÚTE, Nelson. **Antologia da nova poesia moçambicana**. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1989

NOA, Francisco (2012), **O Oceano Índico e as rotas da transnacionalidade na poesia moçambicana**, disponível em <http://cesab.edu.mz/wp-content/uploads/2012/10/>

\_\_\_\_\_. **Uns e outos na literatura moçambicana: ensaios** – São Paulo: Editora Kapulana, 2017.

\_\_\_\_\_. **Perto do fragmento, a totalidade: olhares sobre a literatura e o mundo**. São Paulo: Editora Kapulana, 2015

SECCO, Carmen Lucia Tindó (org.). **Antologia do mar na poesia africana do século XX: volume III: Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. Rio de Janeiro: UFRJ, Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e Setor de Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, 1999.

\_\_\_\_\_. A Ilha de Moçambique revisitada pela pena da poesia e pela tinta dos afetos. **Revista SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 17, n. 33, p. 157-172, 2o sem. 2013.